

# Delmax

Depois de um interregno de cerca de um ano nas reportagens a lojas de grande prestígio, como a Imacústica, a Transom e a DigiSom, a *Audio & Cinema em Casa* volta às grandes reportagens com uma loja de culto audiófilo do panorama nacional: a Delmax.



## o *gourmet* da alta-fidelidade no coração de Lisboa

Texto  
Samuel Xavier

**S**e há casas onde se sente o peso da história, a Delmax é uma delas. Uma loja de 1.º andar com tectos palacianos, dedicada à alta-fidelidade desde 1980, cujas paredes podiam contar a história recente da alta-fidelidade em Portugal, mercê das muitas tertúlias, das histórias que se contam, e dos muitos donos que a loja já teve em 25 anos, numa das ruas mais queridas dos lisboetas, a Rua da Madalena, n.º 237, 1.º dto., junto à Praça da Figueira.

E se há pessoa com um percurso de vida tão rico em determinada área que não só parece personalizar a excelência de uma profissão como acrescentar-lhe novas exigências, essa pessoa é, sem dúvida, Rui Borges, que desde 1 de Outubro do ano passado, juntamente com Carla Borges, sua mulher, embarcou num dos maiores desafios de suas vidas, que é como encaram o estar à frente da Delmax, com a responsabilidade das principais grandes marcas mundiais do

áudio e do Cinema em Casa entre mãos e, também, refira-se, com a responsabilidade de servir alguns dos mais ilustres clientes da capital, e dos mais «resistentes» audiófilos.

Para que os mais novos compreendam o autêntico amor que estas pessoas nutrem pelo áudio, e principalmente pelos «clássicos» sistemas áudio, há que procurar pacientemente o percurso que nos conduz, em momentos diferentes, a certas verdades e certas constatações que necessitam ser vividas em lugares como a Delmax, antes de se tomar uma posição pró ou contra o que quer que seja. Refiro-me ao áudio puro. Refiro-me ao som dos gira-discos. Refiro-me a autênticas «teses de doutoramento» sobre cabos e a discussões acaloradas sobre reverberações. Refiro-me à melhor construção dos aparelhos do passado comparativamente à maior diversidade, massificação e também fugacidade dos aparelhos do presente. Outros há que lhes devotam um qua-

se carácter religioso. A alta-fidelidade é, no meu entender, uma disciplina entre a técnica e a arte – tal como a arquitectura – que perpassa grandezas como o espaço, o tempo, a técnica e a arte.

Comum a todos, audiófilos e videófilos, está o sacrifício económico na aquisição dos aparelhos e colunas, de que alguns falam como autênticos autos-defé. No meu caso, e na «geração DVD», esse sacrifício é maioritariamente direccionado para o Cinema em Casa. A minha curiosidade relativa aos gira-discos e aos sistemas áudio é relativamente recente. Embora tenha passado parte da juventude a ouvir vinilo, passei para o CD quando quase todos o fizeram, comprei um DVD quando pouca gente ainda sabia o que isso era, e confesso que começava a dar o benefício de dúvida ao SACD quando toda a gente tenta perceber onde estão as



suas virtudes. Até há bem pouco tempo, num dos meus visionamentos de DVD deparo-me com o filme *As Virgens Suicidas*, de Sofia Copola, em que a banda sonora (Hair) nos é dada com o característico efeito da agulha a passar por falhas transversais aos veios de um disco de vinilo, vulgo «batatas fritas». Foi um momento muito especial, que me trouxe à luz a verdadeira importância da alta-fidelidade: aquilo que não é mensurável por nenhuma máquina, a essência, a verdade, o sentimento de uma reprodução sonora. Os formatos digitais, mesmo que o simulem como foi o caso, não transmitem essa essência; falta-lhes algo mais.

### Encontro com Borges

Momento esse que coincidiu com a primeira vez que privei com o Rui Borges, há cerca de dois anos, numa audição de Cinema em Casa a um conjunto de colunas Sonus Faber e um receiver de gama alta, em que este, depois de «afinar» o sistema, comutou-o para *stereo* e colocou um dis-

 **Sherwood®**



RECEIVER A/V 5.1 RD-6118R

**NOVALUZ**

R. Luis de Camões, 5  
2070-101 CARTAXO  
Telef. 243 700 570





co de vinilo, parecendo engrandecer todos os elementos ali presentes. Fiquei estupefacto. Fiquei também bastante surpreso quando li a notícia, aqui na *Audio & Cinema em Casa* de Janeiro, da reinauguração da Delmax pela mão de Rui Borges.

Assim que pude, fui visitar a loja. Calorosamente recebido pela Carla Borges, lá apareceu Rui Borges, tal qual como o havia conhecido dois anos antes. De fisionomia delicada, dinâmico, conhecedor, com uma contagiante boa disposição e uma humildade proporcional à sua elevação de espírito, Borges conserva bem frescas as histórias e os valores de um passado de 56 anos, 40 dos quais a privar de muito perto com a alta-fidelidade. Passámos de imediato para a magnífica e acolhedora sala de demonstrações da Delmax, para um serão inesquecível, feito de trechos musicais e dissertações sobre áudio e Cinema em Casa, incapaz que estava de deixar de prestar atenção, como que hipnotizado por um amplificador da McIntosh, que já levava 30 anos de uso, e pelo fabuloso gira-discos, no centro da mesa dos aparelhos, um Thorens TV 160, com cerca de 20 anos, ligado a um pré-amplificador para cabeças de gira-discos Michel, cujo funcionamento era simplesmente fascinante. Refiro-me ao gira-discos que chegou num estado deplorável às mãos de Rui Borges e foi totalmente reconstruído (Ver imagens antes e depois – CD Carla Borges). E então, depois do tempo de queima do sistema, experimentei uma sensação única de plenitude, ao ouvir naquele espaço, naquele momento, pelas fabulosas Sonus Faber Guarneri, um disco de vinilo do mexicano Pedro Vargas, álbum intitulado *Lo Mejor de lo Mejor*. Embora não seja o disco que mais agrade a Rui Borges, foi aqui que senti resi-

dir a diferença, como me foi explicado, entre um bom som, denominado alta-fidelidade, e a excelência da reprodução áudio, que traz até nós aquele «instante vibrante e mágico» que o intérprete imprimiu no momento da gravação, eternizando, num sentimento e num tempo diferente, um pouco da sua alma. A produção do disco tinha 50 anos.

Entre um disco e outro, Rui Borges discorria o seu percurso cheio de referências a marcas que me soavam a nomes de sondas a Marte, como Thorens, Alphasom, Rega, Linn, Quaid. Aos 16 anos, Rui Borges era já um curioso inveterado do áudio – «passava horas a chatear um vendedor da Valentim de Carvalho chamado Brázio (nos antigos Armazéns do Chiado)» – o que o fez, à revelia do pai, vender uma aparelhagem da Philips do seu progenitor para comprar um braço SME vindo da Inglaterra – «fiquei apenas com um braço e uma agulha XLE, e sem mais nada», diz com uma gargalhada de quem conserva a capacidade de se rir de si próprio, «foi a base do meu primeiro sistema áudio, adquirido com grande sacrifício, composto por um amplificador Quad 33-405 e um *kit* de colunas SEAS». Depois de deambular entre um curso de arquitectura de interiores e os 20 anos ao serviço da Câmara Municipal de Lisboa, Rui Borges começou a trabalhar numa grande loja áudio da capital em *part-time*, ao mesmo tempo que mergulhava, com o sentido de missão dos que crêem no sonho, na construção do seu gira-discos. Em 1995, concluiu a sua primeira criação: o gira-discos RSB Reference, gira-discos do ano na *Audio* em 1996, o único gira-discos inteiramente português, a cujo projecto dedicou cinco anos da sua vida, feito com o apuro dos mestres e com a alma dos grandes criadores de *hi-fi*. Rui Borges dedicou os últimos 12 anos a uma das maiores lojas de alta-fidelidade de Lisboa na função de «demonstrador de alta-fidelidade», entenda-se «pessoa que demonstra aparelhos áudio inseridos num sistema, numa determinada sala, para fruição do cliente, equalizando-os pelo seu ouvido e ajustando todo o sistema de modo a evidenciar numa audição todos os predicados do seu conjunto». Há cerca de dois anos, concluiu a sua mais recente criação: o Rui Borges



Antes do restauro.



Depois do restauro.

# Os pratos de Borges

Os pratos de Borges RSB Reference é o nome do primeiro modelo de gira-discos de qualidade topo-de-gama que o Rui Borges construiu. Rui Borges TurnTables é o segundo e o mais actual, embora duas vezes mais caro. O RSB Reference foi analisado pelo director da *Audio* (Jorge Gonçalves) em Setembro de 1995 e considerado Gira-Discos do Ano em 1996. O seu preço ronda os 2500 euros. Depois de um projecto de cinco anos na procura da excelência. O preciosismo e a dedicação que Rui Borges entrega a cada etapa na execução de um gira-discos é algo de realmente fora do comum no nosso país. É um trabalho que está ao nível da excelência em todas as etapas da construção. Desde a aferição das ferramentas e torno à escolha do material a toronar, ao furo da chumaceira, ao esmerilar, até ao polimento com desbaste ínfimo. De entre os tornos de alta precisão para aferir a excentricidade do furo, Rui Borges opta sempre pelo da escala mais reduzida, pelo que garante maior precisão. E quando nos diz que grande parte do trabalho mais minucioso é feito à mão, quase que ficamos incrédulos, tal é a perfeição de cada peça constituinte deste gira-discos.

Incapaz de se libertar da faceta de criador de gira-discos, Rui Borges tem uma pequena oficina na própria loja da Delmax; reinaugurada dia 1 de Outubro. Na verdade, es-



Particular do novo modelo Rui Borges Turntable (RBT)

te autodidacta tem muito mais procura do que os gira-discos que consegue produzir, mesmo a preços de construção muito superiores aos praticados no mercado. Um gira-discos Rui Borges TurnTable, o seu novo modelo, custa actualmente cerca de 6000 euros, sem braço, em comparação como, por exemplo, aos imbatíveis no preço/qualidade Project, que custam entre 500 e 1500 euros.

Rui Borges afirma que já teve muitas propostas do estrangeiro para os fabricar em série, mas os incentivos em Portugal acabam sempre por frustrar a maior das vontades. Aos 56 anos, leva 40 dedicados ao áudio, os últimos 12 numa das mais conceituadas lojas da especialidade em Lisboa, onde teve oportunidade de lidar com clientes de excepção, alguns ligados ao Executivo, e de lhes fazer sentir a sua indignação: «uma dia falei com um ministro e ele ficou cerca de meia hora a ouvir-me sem conseguir argumentar».

Porque, como diz, «os meus gira-discos, para serem rentáveis, apenas teriam que ser construídos numa primeira fase, talvez cerca de 100 unidades em série, talvez na China.» Patentar os gira-discos? «Não tenho dinheiro para isso (embora o RSB Reference já esteja registado). Mas lanço o desafio de adquirirem um e tentarem reproduzi-lo. Se conseguirem fazê-lo a um preço mais baixo, fiquem com a autoria!», diz revoltado com todos os entraves que o limitam a «fazer e restaurar gira-discos para os amigos, sem qualquer lucro». Rui Borges constrói e restaura gira-discos por amor.



Um Rui Borges Turntables feito por especial encomenda.

 **Sherwood®**



oferta com  
VR 4108 R

DVD/Receiver VR-4108R



Listen In

Largo Espírito Santo, 3 - r/c Esq.  
6300 GUARDA  
Telefone 271 227 283



Mais um restauro com requinte



Um Thorens totalmente reconstruído.

TurnTables, um gira-discos ao mais alto nível, cujo preço ronda os 6000 euros.

Quando se tenta fazer um paralelo entre a faceta de construtor e a de demonstrador, o único elemento comum é a excelência que Borges deposita em ambos. Demonstrador, no meu entender, é uma função que quando feita com o saber-fazer do Rui Borges é quase um exercício de orquestração. Demonstrar um sistema, um equipamento, é harmonizar um conjunto de aparelhos de modo a retirar o melhor da reprodução sonora, fazendo-o muito maior do que a soma dos elementos. E, neste campo, Rui Borges é, hoje, conjuntamente com Luís Campos da Imacústica, no Porto, um dos homens no nosso país com maior *know-how* no que concerne à conjugação dos vários elementos de um sistema e, atrevo-me a dizer, um dos profissionais mais completos no mundo, por adicionar ao

seu espírito anfitrião e aberto a dupla faceta de criador de gira-discos e demonstrador.

Ao meu modo mais sério e formal, uma vez que me encontrava na presença de alguns audiófilos «amigos da loja», muito mais à vontade com o entrevistado do que eu, ao contrário do que tinha sucedido no agradabilíssimo encontro dias antes, Rui Borges, depois de um Porto de honra, disse-me:

«à alta-fidelidade não vem o indivíduo sério; a música é coisa cheia de alegria e ins-

cont. pág. 44



## A história da Delmax

Rua da Madalena, nº 237, 1º dto., Lisboa

Delfim e Maximiliano fundaram uma empresa chamada Delmax, as primeiras letras do nome de cada sócio fundador, em 1980, quando o mercado exigia algo de novo. A Imacústica tinha o *high-end*; a Videoacústica tinha outro tipo de mercado, um patamar mais abaixo; a Esotérico tinha marcas como a B&W, a Musical Fidelity e a Jeff Rowland; e depois de um estudo de mercado, o senhor Del. e o senhor Max. investiram na Audiolab e nas Monitor Audio, duas marcas que se situavam no patamar médio-alto e que nos anos 80 e princípios dos 90 venderam «toneladas». Em 1994/95, Delfim necessitava de

mais espaço e fundou a Delaudio, ficando a Delmax entregue a ex-funcionários.

Alguns anos depois, o espaço foi então cedido à Diper, do João Paulo, como uma extensão da loja-sede do Porto, funcionando também como armazém, mas não surtiram bons resultados e fechou. Situação que permaneceu até o ano passado.

Em 2003, Rui Borges chegou a acordo com João Paulo, e com o apoio das importadoras e da Imacústica, Mercáudio, Ajasom, Esotérico e AudioEclipse, assumiu a gerência da Delmax.